

# CONSIDERAÇÕES SOBRE O INCONSCIENTE E A REPETIÇÃO NA TRANSFERÊNCIA

Mariana Martins Fernandes<sup>1</sup>

## **O inconsciente, uma formulação freudiana**

Em suas primeiras formulações, no final do século XIX e início do XX, Freud aproxima a psicanálise de uma ciência da natureza, utilizando-se de modelos que definiam forças e quantidades de energia psíquica. Em seu texto de 1915 intitulado “*O Inconsciente*”, o autor defende a existência de processos psíquicos inconscientes - que não são simplesmente algo que está fora do pensamento - quando percebeu na clínica que apenas trazer à consciência lembranças recalçadas não levava à cura.

Dessa forma, ao afirmar que o inconsciente não se trata de um lugar obscuro e esquecido da mente, Freud desloca a consciência do lugar central em que estivera até então, esclarecendo que o inconsciente se produz à margem da consciência e que dela é independente. Ao deixar em aberto esse lugar que pensavam ser o eixo dos processos psicológicos, Freud colocou em questão a autonomia e liberdade da consciência, propondo a ideia de um sujeito descentralizado, dividido, e separou o aparelho psíquico em três partes: pré-consciente, consciente e inconsciente.

Como indicadores da existência do inconsciente, o precursor da psicanálise aponta para as lacunas representadas pelo sonho, pelos lapsos de linguagem, pelo chiste e pelo sintoma: “todos nós entramos em contato com ideias que nos ocorrem súbita e espontaneamente, e cuja origem desconhecemos, e também com produtos de pensamento cujo processo de elaboração nos permanece oculto” (FREUD, 1915/2006, p. 20).

No “*Seminário, livro 11*”, ao discutir esse ponto do inconsciente freudiano, Lacan (1964/2008) afirma que este não se trata de um local com as verdades obscuras do sujeito, algo que antecede a consciência. O inconsciente com o qual trabalha a psicanálise é aquele

---

<sup>1</sup> Psicóloga (CRP 03/25477), pós-graduada em Psicanálise: teoria e práxis pela Universidade de Vassouras, psicóloga no PsiU (Programa de Saúde Mental e Bem-estar da Universidade Federal da Bahia (UFBA)) e pesquisadora do Laboratório de Psicanálise e Laço Social (PSILACS) - UFMG. Contato: mariana.mfernandes22@gmail.com

que aparece no tropeço, na rachadura do discurso. São nesses fenômenos que Freud vai escutar o inconsciente - naquilo que manca (LACAN, (1964/2008). O que se produz nessa hiância se apresenta como um achado, uma solução - mesmo que incompleta: “Ora, esse achado, uma vez que ele se apresenta, é um reachado e, mais ainda, sempre está prestes a escapar de novo, instaurando a dimensão da perda” (LACAN, (1964/2008, p. 32).

### **Aspectos inconscientes na transferência**

Freud, desde 1912, nos advertia que a transferência é uma faca de dois gumes, pois ao mesmo tempo em que propicia o trabalho analítico, também pode ser o seu principal obstáculo. Mais do que o consultório, o currículo ou as roupas do analista, o essencial para destituir o sujeito de sua fantasia fálica será o manejo da transferência. Para o autor, a transferência envolve um deslocamento da libido dos objetos originais do passado para a figura do analista, numa operação inconsciente que obedece à noção de repetição - o paciente repete na transferência situações que o marcaram no passado.

Em seu retorno à Freud, Lacan relaciona o inconsciente ao discurso do Outro, aos efeitos da linguagem sob o sujeito. A partir daí, afirma que o inconsciente é um saber, um sistema de interpretação, que interpreta sempre a mesma coisa (repetição). Por essa razão, após o estabelecimento da transferência, o analista irá jogar com os significantes, realizando uma interpretação que quebre a cadeia inconsciente formada:

A interpretação do analista não faz mais do que recobrir o fato de que o inconsciente - se ele é o que eu digo, isto é, jogo do significante - em suas formações - sonho, lapso, chiste ou sintoma - já procedeu por interpretação. O Outro, o grande Outro (A), já está lá em toda abertura, por mais fugidia que ela seja, do inconsciente. [...] Longe de ser a passagem de poderes ao inconsciente, a transferência é, ao contrário, seu fechamento. ” (LACAN, 1964/2008, p. 129)

Em seu texto “*A direção do tratamento e os princípios de seu poder*”, Lacan (1958/1998) afirma que o analista dirige o tratamento - o que não significa que ele dirige o sujeito. Segundo o autor, o analista paga com palavras; com sua pessoa - que empresta como suporte aos fenômenos singulares que a análise descobriu na transferência -, e com o que há de essencial em seu juízo mais íntimo, para intervir numa ação que vai ao cerne do ser (LACAN, 1958/1998). Assim, “todo analista (nem que sejam os que se extraviam) sempre experimenta a transferência, no deslumbramento do efeito menos esperado de uma relação à dois que seria como as outras” (p. 595). Há, assim, um paradoxo

interessante na relação transferencial, uma vez que, em seu aspecto simbólico como repetição, a transferência revela os significantes do sujeito e conduz à cura e, em seu aspecto imaginário de amor e ódio, ela atua como resistência.

### **A infamiliar repetição**

Partindo dessa ideia, Lacan elabora, no texto “*A posição do inconsciente*”, de 1966, a noção de que há um fato da teoria freudiana que sustenta o inconsciente, e esse fato seria aquilo que se repete na vida do sujeito.

O conceito de repetição foi primeiro trabalhado por Freud em 1914, no texto “*Lembrar, repetir e perlaborar*”, em que ele defende a hipótese de que a repetição é, para o sujeito, o modo de recordar através da atuação (*acting out*). Em sua prática, o autor nota que o conteúdo recalçado opera a partir do inconsciente, constituindo-se como um obstáculo constante na vida do sujeito (FREUD, 1914/2020). Assim, uma angústia impossível de ser nominada se estabelece e, paradoxalmente, a pessoa recorre a ela, mesmo sem perceber. O que for impossível de ser lembrado é repetido, até que um processo de elaboração ocorra.

Posteriormente, o mesmo conceito é retomado em 1920, no texto que marcou o início do segundo momento da teoria freudiana - “*Além do Princípio do Prazer*” -, onde ele afirma que a repetição “constitui por si mesma uma fonte de prazer” (FREUD, 1920/2019, p. 129). É a partir desse momento que Freud passa a se perguntar o porquê de repetirmos algo que nos causa desprazer, o que o leva à formulação do conceito de pulsão de morte - uma compulsão à repetição, um retorno ao início. Esta repetição é expressão de uma pulsão de morte que insiste em se apresentar na sua meta rumo à satisfação (FREUD, 1920/2019). É importante lembrar que quando dizemos “além” do princípio do prazer, não se trata de olhar para o futuro, ou para algo que está a posteriori: o mais-além consiste, pelo contrário, naquilo que é mais anterior, algo arcaico em nossa psiquê.

Mas como o sujeito irá se defender dessa força que é interna? Podemos ter uma demonstração contemporânea dessa resposta ao analisar a política fascista do atual presidente brasileiro, Jair Bolsonaro. O presidente se defende de si mesmo ao transformar aquilo que é interno em algo externo - o inimigo é o outro diferente (mas estranhamente familiar): as mulheres, os gays, os comunistas, os cientistas, etc. E aqueles que se

identificam com esse discurso - ou justamente com o que ele vela - parecem não perceber que esses mecanismos de defesa denunciam muito mais do que escondem.

A esse retorno daquilo que está reprimido em nós mesmos Freud deu o nome de “Infamiliar” (*Unheimlich*), conceito que ele desenvolveu num texto que foi como um anúncio do que estava por vir no ano seguinte, em “*Além do princípio do prazer*”. Freud (1919/2019) utiliza o termo *unheimlich* para pensar esse fato: “Em suma, familiar (*heimlich*) é uma palavra cujo significado se desenvolveu segundo uma ambivalência, até se fundir, enfim, com seu oposto, o infamiliar (*Unheimlich*). Infamiliar é, de certa forma, um tipo de familiar” (p. 47). A inquietação diante desse estranho acontece porque a repetição põe em xeque a autonomia e independência do próprio eu.

O sentimento de estranheza está relacionado à norma e, por isso, pode ser percebido quando há um acaso que quebra a rigidez do automatismo da lei. O infamiliar manifesta o caráter pulsional da repetição, se trata daquilo que não conseguimos esconder tão bem quanto gostaríamos em nós mesmos. Assim, a inquietação causada pelo estranho corresponde ao desmoronamento de algumas defesas do Eu e à conseqüente percepção da compulsão à repetição por trás das próprias ações - ao que o sujeito responde com o ódio àquilo que lhe causa isso.

A partir da sua leitura de Freud, Lacan (1964/2008) situa a repetição como um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, utilizando-se de Aristóteles para desdobrá-la em dois tipos: *tiquê* e *autômaton*. O primeiro se refere a um encontro com o real, com o contingente, enquanto o segundo se trata do retorno de signos que insistem, repetindo sempre o mesmo circuito fechado de significantes (LACAN, 1964/2008). Para o autor, a repetição é melhor definida como *tiquê*, e *autômaton* seria como o conceito de reprodução, de automatismo de pensamentos e comportamentos.

Mas o que se repete fica em alguma medida oculto, e por esse motivo a repetição irá sempre trazer algo novo, aquilo que ainda não havia se mostrado. Por isso que Lacan define a *tiquê* como sendo o encontro com o real, pois ela está para além do *autômaton*, mais além do princípio do prazer: “A repetição é algo que, em sua verdadeira natureza, está sempre velado na análise” (LACAN, 1964/2008, p. 56). Velado pelo quê? Pelo fantasma, a fantasia, que mascara o real para nos proteger do traumático desse encontro.

### **O fantasma na transferência**

Lacan se utiliza de uma série de telas do pintor francês René Magritte (1898-1967), chamada “*A condição humana*”, para falar sobre as representações do fantasma

(fantasia). Ele define a fantasia como algo que se interpõe à verdade, como a tela colocada no caixilho de uma janela. Para Lacan, “Seja qual for o encanto do que está pintado na tela, trata-se de não ver o que se vê pela janela” (LACAN, 1962-63/2005, p. 85). Magritte nos leva a pensar na paisagem que aquela pintura vela, e Lacan vai acrescentar a idéia da tela como sendo a ficção singular que cada um cria em resposta ao enigma do desejo do Outro. A condição humana, de certa maneira, é dada por essa pergunta e cada pessoa vai, diante dela, forjar sua própria resposta, sua própria tela.

No ano seguinte, em seu “*Seminário, livro 11*”, o psicanalista desenvolve um pouco mais essa ideia, afirmando que o sujeito situa a si mesmo como determinado pela fantasia: “a fantasia é a sustentação do desejo, não é o objeto” (p.181). Assim, no processo de análise é o desejo do analista, na transferência, que cria condições para o analisante perceber a produção por trás do que se acredita ser a verdade. Para que, a partir daí, seja possível montar suas próprias ficções, criar novas pinturas.

### **Momento de concluir**

Compreendemos assim que a análise se torna um espaço de produção de novas repetições, novos significantes e significados, ao promover um encontro com o sentido não-todo da fala. Quando o analista faz um corte na estrutura da cadeia significativa do analisante, ele abre espaço para criação de novas palavras, que irão formar novas cadeias e possibilidades de resignificação.

O espaço analítico pode ser entendido, desta forma, como um campo aberto à diferença, quando a repetição funciona na medida que impulsiona o novo. A especificidade da clínica psicanalítica, que permite levar em conta a subjetividade humana, permite uma escuta atenta aos processos que estão por trás do que se diz. Partindo dessa posição, a tarefa do analista deve ser embasada numa lógica, com a intenção de provocar a simbolização de algo que permanece estrangeiro ao simbólico. Uma tarefa árdua, mas que leva o sujeito a buscar um outro dizer sobre o que foi dito e sobre aquilo que ele repete para elaborar - o encontro com o real.

### **REFERÊNCIAS**

FREUD, S. (1912) Sobre a dinâmica da transferência. In: \_\_\_\_\_. **Fundamentos da Clínica Psicanalítica**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

\_\_\_\_\_. (1914). Recordar, repetir, perlaborar. In: \_\_\_\_\_. **Fundamentos da Clínica Psicanalítica**. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2020.

\_\_\_\_\_. (1915). O Inconsciente. In: \_\_\_\_\_. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente (1915-1920)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 13-74.

\_\_\_\_\_. (1919). **O Infamiliar / Das Unheimlich**. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2019.

\_\_\_\_\_. (1920). **Além do Princípio do Prazer**. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2020.

LACAN, J. (1958). A direção do tratamento e os princípios do seu poder. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 585-652.

\_\_\_\_\_. (1962-63). **O Seminário, livro 10: A angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. (1964). **O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. (1966). Posição do inconsciente. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**, p.843-64.